

As fontes no jornalismo radiofônico em ambiente de convergência

Débora Cristina Lopez*

Resumo:

O presente artigo pretende discutir uma das mudanças centrais na rotina do jornalista no contexto de convergência e tecnologia: sua relação com as fontes de informação. Para isso, retomamos o conceito de fonte derivado das discussões de teoria do jornalismo e sua aplicação ao jornalismo de rádio, e, através de exemplos, buscamos localizar essa discussão em uma mais ampla: do uso de ferramentas tecnológicas nas redações radiofônicas. Trata-se de uma revisão de literatura e uma primeira aproximação entre os estudos de convergência midiática e de radiojornalismo. As discussões são centradas em autores da teoria do jornalismo, do radiojornalismo e dos estudos de comunicação e convergência.

Palavras-chave: Fontes; Tecnologia; Radiojornalismo

Abstract:

This article will discuss one of the central changes in the journalist routines in the convergence and technology context: their relationship with sources of information. For this reason, we take up the concept of source and its application to radio journalism, and, through examples, we place this discussion in a broader discussion: the use of technological tools in radio language. We do here a theoretical review and a initial approach between convergence studies and radio journalism. The discussions are focused in authors from journalism theory, radio journalism and communication studies and convergence.

Key words: Sources; Technology; Radiojournalism

* Doutoranda em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Graduada em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora da Universidade Federal de Santa Maria - campus Frederico Westphalen. E-mail: deboralopezfreire@gmail.com.

Introdução

A discussão dos princípios do jornalismo e das suas práticas produtivas no rádio, apresentada nesse artigo, pretende subsidiar uma busca pela compreensão dos fazeres no jornalismo *all news* brasileiro. Área ainda incipiente de estudos – como o são o rádio e o radiojornalismo de maneira geral – a produção 100% notícias constitui um objeto de pesquisas importante, principalmente por suprir ou, ao menos, minimizar, uma demanda da sociedade contemporânea: a atualização constante de informações para o público. Além disso, o rádio apresenta uma vantagem sobre os demais veículos de comunicação ao cumprir essa função permitindo que o ouvinte se informe enquanto desenvolve outras atividades, demandando, assim, menos tempo e atenção dele. Desta forma, também as fontes cumprem um papel crucial nos fazeres jornalísticos e na relação que estas fontes estabelecem com os comunicadores e com os processos de busca pela informação mediados pelas tecnologias da informação e da comunicação.

O dia-a-dia do jornalista radiofônico está hoje impregnado de ferramentas e inovações tecnológicas que o aproximam das informações, das fontes e do público, que conferem a esse ouvinte uma característica mais ativa e que oferecem ao comunicador um volume maior de informações e de suportes de transmissão com os quais ele precisa lidar. Assim, o jornalista de rádio adapta-se, potencializando esses instrumentos e construindo uma nova relação com seu público. Assim, buscase, neste artigo, apresentar e discutir a fonte no radiojornalismo, retomando exemplos e mostrando como elas se manifestam neste meio de comunicação.

As fontes

De acordo com Mario Erbolato, em seu Dicionário de Jornalismo e Publicidade, a fonte é todo aquele sujeito que possa, de alguma maneira, transmitir informações sobre um dado acontecimento ao jornalista. Essa informação pode ser transmitida pessoalmente ou através de ferramentas que façam a mediação da relação fonte-comunicador. O jornalista, com a inserção cada vez mais constante das tecnologias da informação e da comunicação nas redações, tem ao seu dispor um número crescente de fontes, de formas de acesso à informação e também lida com a ampliação de seu campo de ação. Uma das estratégias adotadas pelos comunicadores para a coleta rápida de informações que tratem de ambientes

geograficamente distantes são a internet e o telefone. Neste papel, como apresentado anteriormente, atua o jornalista sentado.

É freqüente, por exemplo, que matérias copiadas da Folha tenham sido produzidas sem o contato direto com as fontes por meio de assessorias ou agências institucionais. Assim, o 'jornalista sentado' acaba primando como "não-oficial" uma informação que, no início da cadeia foi produzida pelas próprias fontes e difundida pelos despachos de uma agência noticiosa. (PEREIRA, 2004, p. 99)

Para que possamos discutir essa relação que o jornalismo impregnado de ferramentas tecnológicas estabelece com as fontes é fundamental lembrar do que diz Chaparro (apud PEREIRA, 2004) sobre as fontes institucionais. Embora a presença dessas fontes seja comum na produção jornalística contemporânea, seja através de assessorias de comunicação ou de entrevistados "coringa", sempre contatados pelos comunicadores, elas precisam ser analisadas sob a ótica da dupla conveniência. A transmissão de determinadas notícias tem relevância tanto para o jornalista quanto para a própria fonte e, muitas vezes, essa dupla relação de interesses acaba por colocar de lado os interesses do público, que deveriam definir os critérios de noticiabilidade e hierarquização dos meios de comunicação.

O contato com as fontes e com o palco dos acontecimentos facilita, para o jornalista, a detecção dos interesses do ouvinte e a definição dos valores notícia a serem seguidos por ele em dado veículo. Entretanto, observa-se em muitas emissoras que a presença das fontes na rede mundial de computadores através de sites de outros meios de comunicação e agências de notícias, contatos via correio eletrônico de assessorias de comunicação, redes sociais, fontes de pesquisa e banco de dados e a disponibilidade das fontes orais em conceder entrevistas através de email e telefone reduziram o contato direto e pessoal com essas fontes, além da capacidade do jornalista de complementar e enriquecer seu relato oral através da descrição dos acontecimentos, reações e sensações que podem ser constatados através da pesquisa de campo. A disponibilização de notícias atualizadas, como em sites que utilizam o *twitter*, também entraram na rotina das redações de rádio, que, muitas vezes, acompanham as notícias através de agregadores de notícias, como Yahoo!News e GoogleNews ou agregadores de RSS, como Netvibes ou PageFlakes. Um exemplo da capacidade de atualização possibilitada por essa tecnologia pôde ser vista na cobertura do atentado realizado em Bombaim, na Índia, no final de 2008¹. Enquanto os jornalistas de todo o mundo

buscavam informações nas agências de notícias, *twitteiros* do país atualizavam seus sites com informações sobre o que acontecia na cidade. É claro que informações adquiridas através de terceiros, como outros meios de comunicação, não transmitem sensações nem possibilitam ao jornalista explorar as experiências dos que vivenciaram os acontecimentos. Ao contrário, ao realizarem as entrevistas, ainda que mediadas por telefone e sem o contato pessoal, os jornalistas mantêm contato direto com as fontes e têm a possibilidade de confirmar dados e ampliar a compreensão que inicialmente tinham da informação, ampliando-a e atribuindo um nível secundário de dinamismo à informação. "O radiojornalismo tem que estar sempre à frente dos jornais. Nunca a reboque. O rádio repercute hoje as notícias que o jornal vai publicar amanhã.

As fontes de notícias têm que ser dinâmicas e de credibilidade. É possível dizer, desta forma, que há três níveis de dinamismo da informação jornalística, no que diz respeito à apuração e às ferramentas de acesso às fontes: a) primário, que envolve as fontes consultadas durante o desenrolar dos acontecimentos, quando o jornalista realiza a apuração em campo, adensando a abordagem do evento de acordo com o seu desenvolvimento; b) secundário, que se refere, normalmente, às fontes de análise dos acontecimentos e que são consultadas via telefone; c) terciárias, as fontes diretamente relacionadas ao acontecimento normalmente não são consultadas – nestes casos a informação chega à redação através de outros meios de comunicação, agências ou assessorias e não são confirmadas diretamente pelo jornalista. Essa intermediação acaba por reduzir consideravelmente o imediatismo e o dinamismo da transmissão da informação, embora essas fontes terciárias sejam fundamentais em casos de coberturas geograficamente distantes ou de busca por informações complementares, agindo em conjunto com as duas classificações anteriores, conjugando apurações e fortalecendo o trabalho jornalístico.

Para que essa classificação torne-se mais visível no dia-a-dia do jornalismo, é importante que se discuta, antes, a própria conceituação de fonte. Para Pinto "As fontes são pessoas, são grupos, são instituições sociais ou são vestígios – falas, documentos, dados – por aqueles preparados, construídos, deixados", entretanto, elas não devem ser observadas somente como provedoras de informação e/ou como passíveis de fornecer retratos fiéis de acontecimentos, já que "As fontes

remetem para posições e relações sociais, para interesses e pontos de vista, para quadros espaço-temporalmente situados” (PINTO, 2000, p. 278).

Retoma-se então, considerando o posicionamento de Pinto, o que explica Chaparro. O jornalismo lida sempre com relações de interesse e pontos de vista. Por isso, a necessidade de cruzamento constante de fontes de informação e de complementaridade de dados na apuração jornalística. Devido a isso, os estudos e debates sobre as fontes no jornalismo são constantes e geram classificações que variam de acordo com o interesse do pesquisador em avaliar o processo informacional sob distintas perspectivas. Pinto (2000) acredita que as fontes classificam-se a partir de oito categorias básicas:

1. segundo a natureza: fontes pessoais ou documentais;
2. segundo a origem: fontes públicas (oficiais) ou privadas;
3. segundo a duração: fontes episódicas ou permanentes;
4. segundo o âmbito geográfico: fontes locais, nacionais ou internacionais;
5. segundo o grau de envolvimento nos factos: oculares/primárias ou indirectas/ secundárias;
6. segundo a atitude face ao jornalista: fontes activas (espontâneas, ávidas) ou passivas (abertas, resistentes) (Caminos Marcet, 1997; Borrat cit. in Bezunartea et al.1998, p.81-82);
7. segundo a identificação: fontes assumidas/explicitadas ou anónimas/confidenciais;
8. segundo a metodologia ou a estratégia de actuação: fontes pró-activas ou reactivas (McNair, 1998, 147-150), preventivas ou defensivas” (PINTO, 2000, p. 279).

O acesso a essas fontes, assim como seu uso para o jornalista, variam. Fontes pessoais ou documentais oferecem ao comunicador possibilidades de leitura das informações mais restritas e, ao mesmo tempo, mais amplas. Ao entrevistar um sujeito, protagonista de uma informação, suas reações, seu tom de voz, a forma como organiza sua argumentação e outras marcas individuais de fala e de postura interferem na compreensão do que diz. As fontes documentais não permitem essa interpretação complementar. Entretanto, possibilitam a quem as lê uma compreensão contextual que varia desde o período e o local em que dado documento foi escrito até as influências dos seus objetivos na composição do discurso. O jornalista deve ler de formas distintas, por exemplo, uma legislação federal, uma carta-testamento, um depoimento à polícia ou documentos antigos

que contextualizem uma informação atual. Documentos, além dos objetivos, apresentam uma condição de produção discursiva diferentes e são datados, o que também demanda uma relativização por parte do jornalista.

Segundo a natureza, a classificação em fontes públicas ou privadas implica em constante presença de interesses nas declarações e análises, seja de instituições ou indivíduos. Isso leva à necessidade – nem sempre atendida pelos meios de comunicação – de cruzamento e confirmação/complementação das informações por tipos distintos de fontes.

Ambas, entretanto, podem se converter em uma “muleta” para o jornalista que busca nas mesmas fontes os comentários e interpretações para acontecimentos de um dado setor, como quando são consultados os mesmos economistas para realizarem análises conjunturais ou quando, por exemplo, emissoras de rádio utilizam, como fonte semanal de informação, a fala do presidente da República Luis Inácio Lula da Silva no programa “Café com Presidente”, produzido pela Radiobrás. Essa utilização de fonte oficial normalmente mantém a pauta e o direcionamento propostos pelo programa, em uma estrutura mais descritiva e sem nenhum ou com restrito cruzamento e análise.

O mesmo pode ocorrer com as fontes classificadas de acordo com a duração. As permanentes, por estarem em constante destaque e envolvidas em acontecimentos que atendam aos valores notícia das emissoras, podem ser consultadas com frequência e se configurar como uma “muleta” ao jornalista. Essas fontes muito presentes, além de transmitirem uma análise parcial dos eventos, acabam por intensificar a relação de interesse que estabelecem com a rádio.

Já as fontes episódicas têm menor intimidade com o jornalismo e com os jornalistas, o que não necessariamente as exime das relações de interesse, mas reduz a probabilidade de atuarem de forma manipulatória em relação à informação. Normalmente estão envolvidas de maneira direta com o acontecimento e geram uma identificação maior com o público, já que não são uma constante na programação. Nesta categoria se enquadram, muitas vezes, os personagens. Por

contarem histórias e ilustrarem notícias menos palpáveis, aproximam a informação do ouvinte. Ainda nesse sentido, Pinto retoma Caminos Marcet e Borrat que definem a fonte em ativa ou passiva. Os autores acreditam que as ativas são mais espontâneas, buscam transmitir a informação ao jornalista, o que pode, em alguns casos, demonstrar o interesse da fonte em falar devido a algum benefício que essa difusão lhe traga. Já a fonte passiva seria mais resistente, embora envolvida no acontecimento e classificada como importante para a construção da narrativa.

As fontes podem ainda ser classificadas de acordo com sua aproximação geográfica, sendo locais, nacionais ou internacionais. No rádio existe uma tendência de localizar as informações nacionais e internacionais. Desta forma é possível mostrar ao ouvinte como esses eventos afetam seu cotidiano e assim atender a um dos princípios fundamentais desse meio de comunicação. O que diferencia mais essas fontes é o acesso a elas. Fontes locais podem ser consultadas de maneira direta, através de contato pessoal do jornalista, da sua presença no palco de ação, ou ainda através de contato telefônico. Já as fontes nacionais e internacionais são menos acessíveis ao jornalista, que prescinde da mediação tecnológica – seja ela através de contato telefônico, da internet ou de fontes externas, como outros meios de comunicação e agências de notícias – para realizar sua apuração.

O grau de envolvimento nos fatos define também a classificação das fontes, que podem ser primárias ou secundárias. Essa categorização é fundamental para a atribuição de voz de fala realizada pelo jornalista, apresentando os atores do acontecimento e selecionando os analistas e fontes complementares a serem ouvidas na composição do relato. É possível, ainda, considerar como fonte primária o que Erbolato (1985) denomina de fonte autorizada. Trata-se da fonte que fala por outro, quando autorizada por ele. Dessa forma, mesmo que a fonte principal esteja indisponível, o jornalista consegue ter acesso aos dados e o porta-voz assume o papel de responsável por eles. Ainda segundo o autor, o jornalista utiliza em sua rotina o acesso às fontes de informações que, embora forneçam dados para a construção da notícia, não necessariamente se caracterizam como protagonistas do fato. Pode-se considerar aqui também a classificação proposta por Lage (2001), que as diferencia entre testemunho e expert. Para o autor, o testemunho é normalmente emotivo e, por isso, deve ser observado sob essa perspectiva. Para que o depoimento da fonte seja mais confiável, é importante que seja imediato.

Isso porque quanto mais tempo se passa, mais difícil é lembrar de detalhes e fazer descrições, ainda que com o passar do tempo a lógica narrativa se organize melhor. Já através dos experts, o jornalista pode compor um cenário mais amplo, que coordenado com as informações de outras fontes pode levar à compreensão mais ampla dos fenômenos. O cruzamento dessas fontes é observado normalmente em coberturas especiais, como o caso do acidente com o avião da TAM, em 2007, quando a Rádio CBN ouvia testemunhos de fontes que estavam próximas ao aeroporto de Congonhas e buscava relacioná-los e relativizá-los a partir da fala de especialistas, ouvidos em estúdio, por repórteres e via telefone.

As fontes podem ainda ser classificadas por sua identificação, sendo assumidas ou confidenciais (PINTO, 2000). Em ambos casos, trata-se de fontes diretamente envolvidas no fato e que, de maneira mais clara no caso das confidenciais, têm uma atitude pró-ativa, não preventiva ou defensiva.

Fontes no rádio

Em uma sistematização mais simples e aplicada ao rádio, Ferraretto (2001, p. 195) divide as fontes em duas categorias principais: "as internas, aquelas que a própria emissora estrutura e mantém, e as externas, às quais a empresa de radiodifusão está vinculada por sua função como meio de comunicação de massa." A discussão do autor refere-se mais ao papel das fontes na rotina de produção do jornalista e nas estratégias de acesso dele às informações.

Ao analisar a produção jornalística é possível, ainda coordenar essa classificação com a proposta por Pinto. Para isso, é importante compreender os tipos de fonte propostos por Ferraretto como básicos, mas não simplistas. A idéia é, através dessa dupla classificação, abranger todas as fontes de informação com as quais o jornalista se depara em seu cotidiano, além de observá-las como complementares, e não como excludentes, podendo ser identificadas várias dessas fontes agindo como vértices de um triângulo que busca o aprofundamento das notícias.

Essa dinâmica de complementaridade é uma demanda da informação. Para a compreensão de um acontecimento por parte do jornalista, principalmente quando

ele não o presença, é preciso cruzar informações, descrições e análises em busca das ferramentas para a construção do melhor relato. Assim, enquanto as fontes externas agiriam como fornecedoras de dados e referenciais de análise, as fontes internas fariam o papel de trazer um novo ponto de vista para a cobertura. Ferraretto (2001) subdivide as fontes internas em equipe de reportagem, enviados especiais e correspondentes. Já as externas são os informantes, os ouvintes, as agências de notícias, outros veículos de comunicação e a internet.

De acordo com o autor, o papel das fontes internas é determinante para a efetiva compreensão dos acontecimentos. "Na ausência de uma estrutura exclusiva para obtenção de notícias, o enfoque particular da realidade, condicionado em muito pela relação entre os objetivos da emissora e as necessidades de seu público, fica extremamente prejudicado, perdendo-se qualidade informativa, em especial no noticiário da cidade" (FERRARETTO, 2001, p. 195). Esse enfoque pode ser obtido através da ação das fontes internas em complementaridade às externas, envolvidas no processo de apuração. As equipes de reportagem, por exemplo, são responsáveis pelo acompanhamento, observação e análise do cotidiano das cidades. Os jornalistas, que integram essas equipes, podem agir em coberturas diárias e também em coberturas especiais de eventos, como, por exemplo, os acidentes aéreos da TAM² e da GOL³ ou ainda a enchente ocorrida em Santa Catarina em novembro de 2008, classificada como a maior da história do estado, com um saldo de 101 mortos e milhares de desalojados e desabrigados. A Rádio Band News FM e a CBN adotaram estratégias próximas na cobertura do evento. A CBN realizou acompanhamento da informação, atualizando os números da tragédia e buscando dar abordagens contextuais ao fato, como as operações nos portos do Sul e o estado das estradas. Essa cobertura foi realizada através de reportagens, entrevistas e participações ao vivo de repórteres. Já a Band News FM buscou atualizar suas informações, embora em menor volume do que a CBN e utilizou, para isso, entradas ao vivo de repórteres, notas e entrevistas, apresentando a repetição de informações desatualizadas com maior frequência.

Retomando as classificações de fonte interna aparecem os correspondentes, que agem como equipes de reportagem localizadas fora das sedes das emissoras. Podem inserir-se nessa categoria os repórteres de afiliadas de redes de rádio e também jornalistas atuantes em cidades onde a emissora não possui sede. Esses

repórteres podem atuar tanto em coberturas esporádicas de acontecimentos cotidianos quanto em coberturas especiais, como o caso das eleições para a presidência dos Estados Unidos, que mobilizaram equipes de todo o mundo.

Já os informantes, que integram as fontes externas, exercem um papel fundamental e podem ser subclassificados como oficiais, oficiosos ou independentes – a partir da conceituação de Lage (2001). Para o autor, as fontes oficiais são aquelas mantidas pelo estado ou por instituições, como empresas, organizações, sindicatos, etc. Elas são vistas como mais confiáveis, por isso costumam ser mais citadas nas produções jornalísticas. Em tempos de crise financeira, por exemplo, é comum vermos o uso, como fonte, do Ministério da Fazenda, do Banco Central e do próprio presidente da República. Mas Lage lembra que muitas vezes as fontes oficiais falseiam a realidade através da manipulação de dados. Um exemplo é a cobertura do atentado ocorrido em Mumbai, na Índia, no final de 2008. Enquanto fontes oficiosas e independentes falavam de dezenas de mortos, nas primeiras horas depois do atentado, as fontes oficiais reconheciam somente dois mortos. Esses dados só foram atualizados e se tornaram próximos horas mais tarde. As fontes oficiosas seriam as que, mesmo ligadas a uma entidade ou indivíduo, não são autorizadas a falar por ele e podem ser desmentidas. Ao mesmo tempo que são importantes porque revelam pontos de vista – e dados – relegados do acontecimento, podem, por representar interesses pessoais, servir para plantar boatos. Devem, como toda fonte de informação, ser complementadas e confirmadas. Já as independentes são as que não apresentam nenhum interesse específico ou relação direta com o acontecimento.

Os ouvintes têm uma função crucial no rádio. Como dito anteriormente, é a partir deles que a programação das emissoras e os valores notícia a serem seguidos pelas emissoras são definidos. Entretanto, o papel do público não se restringe à audiência. O ouvinte participa, a cada dia mais, ativamente da programação. Tanto a participação emitindo sua opinião em programas jornalísticos quanto a interação através do contato com a equipe de produção sugerindo pautas configuram-no como fonte. Além, claro, dos ouvintes entrevistados pelos repórteres no trabalho de campo ou através de telefone. Uma questão relevante é a potencialização dessa participação propiciada pela evolução das tecnologias da comunicação e da informação. Telefone, telefone celular, cartas, email, fóruns de discussão e mais

recentemente o uso de sistemas de conversa instantânea aproximam o público do comunicador e o rádio da compreensão interativa que Bertold Brecht (2005) tinha desse veículo de comunicação. “E ressaltava [Brecht] que a função do rádio não se esgota em apenas transmitir informações sobre os acontecimentos. É necessário que o rádio promova, efetivamente, o *intercâmbio* entre a *fonte* e o *destinatário* para que o processo de dupla mão-de-direção se efetive” (ORTRIWANO, 2008, p. 63). As ferramentas de interação são utilizadas pelas emissoras muitas vezes na programação ao vivo, buscando um contato imediato, seja para complementação das notícias ou, ainda, para correção de informações erradas transmitidas no programa. No programa matutino transmitido diariamente pela Rádio Band News FM, que tem Marcelo Parada como um de seus âncoras, a participação dos ouvintes é constante, em grande medida para apoiar ou contestar posicionamentos polêmicos assumidos pelo apresentador. Além disso, o público sempre participa para complementar informações, como no caso de ouvintes que enviam emails para explicar significados de palavras, ou corrigir pronúncias de expressões em língua estrangeira. Essa interação, no caso da Rádio Band News FM, se dá através do sistema de comunicação via email, encaminhado pela página “Fale Conosco” ou pelo endereço eletrônico ouvinte@bandnewsfm.com.br, constantemente apresentado na programação da emissora.

Através desse diálogo mais próximo e imediato com o público a característica de unidirecionalidade do rádio, apresentada por Mário Kaplún (2008) como uma das principais restrições do veículo, minimiza-se. Para o autor,

Esta limitação [unidirecionalidade da mensagem] estabelece o problema, que atinge também os demais meios de massa, de uma comunicação unidirecional, quer dizer, em uma só direção, em uma única via. O emissor se dirige ao receptor sem deixar possibilidade de reciprocidade. Este está condenado a receber passivamente a comunicação, que chega verticalmente, de cima, e na qual não se pode intervir (KAPLÚN, 2008, p. 85).

O uso de ferramentas como as conversas instantâneas, mensagens de texto via celular, chats e fóruns tornam essa unidirecionalidade mais distante do rádio. Através das tecnologias o ouvinte pode deixar de lado sua postura passiva e abre-se o caminho para o estabelecimento de uma lógica bilateral na comunicação radiofônica. “No início, a convergência se deu com o auditório e as cartas de ouvintes. Num segundo momento, foi com o telefone, o que criou um novo gênero de programas, o popular *phone-in*, e até um novo formato de programação, o *talk*

radio" (RIBEIRO; MEDITSCH, 2006, p. 02). O papel do telefone – e depois do telefone celular – não se restringe à interação com o público, mas propicia mobilidade e alcance na transmissão de informações e no contato com as fontes a serem consultadas para a construção da notícia. Ainda nesse contexto, a criação do ouvinte-repórter é inovadora. Ela integra o público e o demarca como agente na transmissão dos acontecimentos, fidelizando-o. Um bom exemplo é a participação de ouvintes na grade de programação da Rádio Metrópole FM, em Salvador. Nos horários de maior movimento no trânsito da capital baiana os ouvintes telefonam de seus telefones celulares e informam, ao vivo, as condições do tráfego.

A presença de emissoras na internet também indica a um novo perfil de público. O ouvinte que consome a informação através dos sites das emissoras busca mais do que simplesmente a transposição do áudio (PORTO ALEGRE, 2001), daí a importância de estabelecer novas formas de contato, como os fóruns, emails, etc, além de novas fontes de informação, não só sobre os acontecimentos em si, mas também sobre a própria emissora, como mostram os sites das rádios. No caso da rádio Band News FM a página conta com dados sobre os colunistas, falando sobre sua atuação profissional e sobre a abordagem de seus comentários. "Actualmente Internet mantiene en contacto permanente al medio emisor y al oyente y la respuesta es inmediata, otra cosa es que este contenido forme parte de la programación" (HERRERA GARCÍA, 2005, p. 05).

As fontes externas não se restringem ao ouvinte, embora este tenha um papel a cada dia mais importante na programação informativa das emissoras. As agências de notícias também compõem uma fonte crucial, principalmente para rádios de menor porte, que contam com uma equipe reduzida de profissionais e, muitas vezes, restringem-se territorialmente, contando, entre suas fontes internas, somente com equipes de reportagem. Neste cenário inserem-se as agências, que cumprem papel central em coberturas especiais, em eventos internacionais e abordagem de acontecimentos mais complexos, que demandam dedicação de muito tempo dos profissionais ou que demandam a consulta a fontes indisponíveis a emissoras menores. Trata-se de uma estratégia adotada pelos meios de comunicação para atender às demandas informacionais do público mesmo atuando com uma equipe de profissionais restrita. "As agências de notícias fornecem uma quantidade expressiva de dados às rádios que se dedicam ao jornalismo,

oferecendo ampla gama de informações” (FERRARETTO, 2001, p. 197). É importante observar, entretanto, que a dominação quantitativa dos informativos pelas agências de notícias pode levar a uma homogeneização das informações, mesmo que propicie economia para as empresas. “Quanto maior for a vulnerabilidade e a preguiça dos jornalistas, mais perigosas podem ser as fontes organizadas e, entre elas, as agências” (BOM apud PINTO, 2000, p. 283). Com isso, a visão particular da sociedade, apresentada pelo autor e desenvolvida pelas fontes internas, torna-se reduzida.

Outras fontes externas que podem levar a essa padronização das notícias são os outros veículos de comunicação e as assessorias de imprensa. Segundo Ferraretto (2001, p. 198) “A pauta da reportagem e dos programas de entrevista e debate sofre a influência da imprensa escrita”. Trata-se, neste sentido, de jornalismo de aprofundamento, que busca repercutir e ampliar a abordagem de temas em discussão nos outros veículos. O *hard news*, entretanto, que trata das informações de última hora, da cobertura diária da sociedade, prescinde do acompanhamento dos fatos e da manutenção da característica de imediatismo do radiojornalismo.

Esta exigência pelas informações de última hora e pela atualização constante muitas vezes pesa sobre os ombros do jornalista de rádio e o leva a apoiar-se em demasia em mais uma das fontes externas apresentadas por Ferraretto: a internet. O uso da rede como fonte de informações é uma estratégia legítima e interessante nos dias atuais, quando o volume de dados disponível na internet é crescente. E a facilidade de acesso a eles permite a ruptura de barreiras antes mais difíceis de transpor pelo jornalismo de rádio. Observe-se o caso da enchente ocorrida em Santa Catarina em novembro de 2007. Na ocasião, um estudante de jornalismo da Univali, Juliano Juka, utilizou seu blog (<http://visaoextra.blogspot.com>) como um meio de transmitir informações de utilidade pública para moradores de Itajaí e para outras pessoas interessadas em saber o que ocorria no Estado. Através deles, jornalistas de outras cidades poderiam se manter atualizados sobre dados oficiais, boletins da defesa pública e obter imagens das cidades, o que permite ao jornalista de rádio conhecer o ambiente onde se desenrola o evento e, assim, realizar uma descrição para seu público. É preciso que se compreenda a rede como um ambiente de disponibilização de fontes de informação como outro qualquer. Isso implica em dizer que as informações devem sempre ser contrapostas e confirmadas antes de

serem transmitidas, seja através de outras fontes virtuais ou não. Mas esse processo pode auxiliar muito o jornalista no processo de produção de rádio, principalmente devido a dois fatores: 1) a internet também possui, como o rádio, uma demanda por atualização constante e 2) a internet possui um grande volume de informações à disposição, o que facilita a pesquisa no caso de produções especiais.

Com base na quantidade de dados à disposição e em conjunto com o chefe de reportagem, o pauteiro define o que será objeto do esforço jornalístico. É, em grande parte, a partir daí que os repórteres e, se houver, os correspondentes e os enviados especiais, por vezes, vão atuar. [...] É usual a checagem pelo pauteiro, chefe de reportagem ou repórteres das informações que chegam à redação por meio de ouvintes e informantes. (FERRARETTO, 2001, p. 199)

As compreensões acerca da apuração via internet para o radiojornalismo são contraditórias. Zucoloto (2007) acredita que, ainda que a rede propicie uma "pluralidade de canais, grande volume e velocidade de transmissão de informação" não necessariamente ela apresentará uma pluralidade de discursos ou as informações necessárias ao cidadão. É importante considerar, então, quais as fontes consultadas e como elas se relacionam com os interesses de seu público. O uso da internet na apuração realizada em redações de rádio é facilitado pelo fato de que o fluxo contínuo do rádio pode ser mantido pelo acesso às fontes sem limite temporal na rede (DEL BIANCO, s/d, p. 08). Entretanto, Moreira ressalta que "O fácil acesso à informação obtida pela Internet pode ainda dar a falsa impressão de não ser preciso ir além das fronteiras do ciberespaço para saber o que acontece" (MOREIRA, 2004, p. 05). Segundo a autora, a internet pode – e deve – ser complementada pelo acompanhamento dos acontecimentos fora do ambiente virtual e a consulta das fontes face-a-face, obtendo reações e ampliando as possibilidades de reconstrução de cenários na transmissão das informações, seguindo uma lógica de complementaridade. "A Internet é hoje uma referência essencial na redação do radiojornalismo para avaliar os acontecimentos quanto à atualidade, novidade, interesse e importância" (DEL BIANCO, s/d, p. 09).

Ao utilizar a apuração via internet como referência para auxiliá-lo a avaliar e ampliar a informação, é importante o cuidado com a facilidade que este processo propicia. "Na Internet, também se copia muito os jornais e revistas. Uma consequência inevitável do crescimento de produções online oriundas das empresas

jornalísticas tradicionais, cujo principal produto é a publicação impressa” (DEL BIANCO, 2001, p.1). Depois que os sítios noticiosos passaram a produzir conteúdo imediato e concorrer, em velocidade de informações, com o rádio e a televisão, os papéis se inverteram. Hoje o radiojornalismo encontra-se pressionado pela velocidade das informações e pela exigência do público, apropriando-se, sem creditar, de conteúdos do jornalismo on line, de jornais impressos e de revistas semanais. A prática é comum e um exemplo disso é a rádio Band News Salvador. O locutor e apresentador do Jornal 2ª Edição da emissora, Eduardo Galvão, explica como a prática do *gilette press* é comum na redação. “A rotina produtiva varia da manhã para a tarde e para a noite, também. Como eu trabalho à tarde, a gente chega e ler o relatório, o que foi deixado pela manhã, pega outras notas em sites e jornais, e checa todas às informações antes de ir para o ar” (in VEIGA, 2006, p. 76). Com isso, a informação acaba por ser transmitida pelas emissoras sem considerar as especificidades do veículo ou de seu público. Mas as características do jornalismo em rádio diferenciam-se em grande medida do produzido em outros veículos, primordialmente o impresso, pela abordagem, pelo enquadramento, pela estrutura textual e pelos recursos e referenciais adotados e a produção de notícias deve considerar esses elementos.

O conteúdo veiculado na internet exerce, atualmente, uma influência sobre os demais veículos de comunicação. As notícias disponíveis em sites de informação, seguindo a lógica da atualização constante, interferem na construção dos critérios de noticiabilidade das emissoras, assim como na sua definição do que é mais importante ou mais interessante para o ouvinte. “A frequência e a repetição com que um determinado acontecimento é abordado pelas agências e jornais online sinalizam para os jornalistas a exata medida de sua importância e a necessidade de selecioná-lo” (DEL BIANCO, s/d, p. 10). Desta forma, segundo a autora, as emissoras de rádio abrem mão de seus valores notícia e assumem como seus os valores dos sites informativos nos quais se baseiam, como observado por Veiga nas práticas produtivas da Band News FM Salvador.

As emissoras de rádio optam hoje por duas estratégias centrais de transmissão da informação que trabalham com estratégias de apuração variadas: 1) a atualização constante através do *hard news*; e 2) o aprofundamento do acontecimento através de coberturas especiais, seja no caso de notícias inesperadas ou de coberturas pré-

produzidas. O caráter rotativo do público de rádio demanda das emissoras, principalmente as informativas, um cuidado com a transmissão e retransmissão dos elementos básicos para a compreensão da notícia. “Se toda notícia for de fato uma “novidade”, uma história será transmitida só uma vez. Há, no entanto, o óbvio dever de assegurar que ela seja recebida por um público o mais amplo possível” (McLEISH, 2001, p. 71). Para que essa retransmissão atenda ao caráter rotativo do público, que varia muito no decorrer do dia em uma emissora, e, ainda assim, não seja redundante para aqueles ouvintes que se mantêm fiéis à rádio, uma opção é a ampliação das informações no decorrer da programação. “Além de transmitir o mais rapidamente possível os acontecimentos atuais, [a rádio] pode aumentar a compreensão pública através da *explicação* e *análise*” (PRADO, 1989, p. 28). Essa ampliação pode ser observada na cobertura do acidente com a aeronave da TAM, citado anteriormente, realizada pela rádio CBN. A emissora, que começou sua cobertura com uma emissão breve e informativa sobre o acidente, ainda com poucos dados e uma argumentação mais descritiva, optou por interromper a programação regular e mobilizar equipes em busca da cobertura completa do evento. “[...] la programación no se presenta como algo rígido e inflexible, sino que, por el contrario, puede modificarse conforme a la importancia de los hechos de actualidad” (CEBRIÁN HERREROS, s/d, p. 14). O foco da emissora eram o jornalismo de serviço e a compreensão do que gerou o acidente. Desta forma, buscavam informar sobre as alterações no tráfego em São Paulo, estatísticas de vítimas e áreas atingidas, recorrente repetição do número de telefone para atendimento às vítimas dos familiares, além de buscarem contato com fontes oficiais (embora escassas) e analistas, que buscavam explicar o acidente para o ouvinte, mesmo que com poucas informações para subsidiar suas análises. Em um primeiro momento, o uso das tecnologias ficou restrito ao telefone, utilizado para contatar fontes internas e externas. No decorrer da cobertura, além de um número maior de repórteres se incorporarem à cobertura, falando de vários pontos de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Brasília, um repórteres aéreos, transmitindo de helicópteros da emissora, fazem uma participação mais descritiva dos cenários onde se desenrolam os acontecimentos. Como é comum em coberturas de tragédias e eventos não produzidos, a internet é utilizada mais como ferramenta de produção, para pesquisas sobre tecnologia aeronáutica e apoio para os âncoras, que realizam as entrevistas com especialistas ao vivo e também para acompanhamento das notícias de última hora veiculadas em outros meios de comunicação e declarações e dados divulgados pelas autoridades. Entre o conteúdo que foi ao ar, o que explicitamente utilizou a web como fonte de informações foi a

repercussão do acidente na imprensa internacional, citando El Clarín, CNN, El País, Courriere de la Serra, Le Monde e Le Figaro.

Nestas ocasiões, como também pode ser observado no caso dos brasileiros barrados na Espanha no primeiro semestre de 2008, os ouvintes costumam procurar a emissora para contar suas histórias e complementar a apuração. Através de contatos via email, baianos que foram deportados da Espanha foram descobertos e utilizados como personagens e/ou fontes de entrevistas diretas pela rádio Band News FM Salvador. Da mesma forma, as emissoras, em um caso que gerou muita repercussão nos meios de comunicação como os problemas que brasileiros tiveram para entrar na Europa, se viram obrigadas a buscar novas e rápidas fontes de informação, já que seu público encontrava amplas coberturas na rede mundial de computadores – seja em sites jornalísticos ou na blogosfera. “Os fatos em primeira mão podem não ser mais privilégio deste profissional, uma vez que em cada ponto do mundo há narradores-receptores, conectados em rede e munidos de tecnologia adequada, podendo estar bem mais próximos do acontecimento” (CUNHA, 2004, p. 13). Como destaca Mádga Cunha, o jornalista é levado, em diversas coberturas, a buscar a ampliação e a análise da informação, indo além da função de informar, principalmente em emissoras 100% notícias.

Referências

- BRECHT, Bertold. Teoria do Rádio (1927-1932). In: MEDITSCH, Eduardo (org). **Teorias do Rádio: Textos e Contextos**. Volume I. Florianópolis: Insular, 2005.
- CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **Información Radiofónica: Mediación Técnica Tratamiento y Programación**. Disponível em: <http://www.perio.unlp.edu.ar/radio1/linkprincipal/bibliografia/bibliografiaenlaweb/marianocebrianherrerros.doc>. Acesso em 02 jul 2007.
- CUNHA, Mádga. O tempo do Radiojornalismo: a reflexão em um contexto digital. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Vol. I Nº 1 - 1º Semestre de 2004
- DEL BIANCO, Nelia. O som da notícia nas teias da rede. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 24., 2001, Campo Grande. Anais...São Paulo: Intercom, 2001. CD-ROM.

DEL BIANCO, Nelia. **Radiojornalismo em Mutação na Era Digital**. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17663/1/R0278-1.pdf>. Acesso em: 24 out 2006.

ERBOLATO, Mário. **Dicionário de Propaganda e Jornalismo**. Campinas: Papyrus, 1985.

FERRARETTO, Luiz Arthur. **O veículo, a história e a técnica**. 2º ed. Porto Alegre, Sagra Luzzatto, 2001.

HERRERA GARCÍA, . La radio en España: credibilidad a la baja. **Revista Telos**. Abril-junio 2005. nº 63. Disponível em: <http://www.campusred.net/telos/articulocuaderno.asp?idarticulo=6&rev=63>, acesso em 30 set 2007.

KAPLÚN, Mario. A natureza do meio: limitações e as possibilidades do rádio. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCOLOTO, Valci. **Teorias do Rádio: textos e contextos**. Volume II. Florianópolis, SC: Insular, 2008.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio**. Um guia abrangente de produção radiofonia. São Paulo, Summus, 2001.

MOREIRA, Sônia Virgínia. A Internet como fator de mudança no jornalismo. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, V1, XXVII, Núm 1, Janeiro/Junho de 2004.

ORTRIWANO, Gisela S. De Brecht aos (des)caminhos do radiojornalismo. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCOLOTO, Valci. **Teorias do Rádio: textos e contextos**. Volume II. Florianópolis, SC: Insular, 2008.

PEREIRA, Fábio Henrique Pereira. O Jornalista Sentado e a Produção da Notícia on-line no Correio Web. **Em Questão**. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 95-108, jan-jul 2004.

PINTO, Manuel. Fontes Jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. **Comunicação e Sociedade 2**, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, Vol. 14 (1-2), 2000, pp. 277-294.

PORTO ALEGRE, Raquel. A extensão do radiojornalismo por meio da web. Trabalho apresentado no **Seminário Interno da Faculdade de Comunicação**. Facom/UFBA, Salvador, 2001.

PRADO, Emilio. **Estrutura da Informação Radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

RIBEIRO, Ângelo Augusto; MEDITSCH, Eduardo. O chat da internet como ferramenta para o radiojornalismo participativo: uma experiência de interatividade com o uso da convergência na CBN-Diário AM de Florianópolis. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 29., 2006, Brasília. Anais...São Paulo: Intercom, 2006. CD-ROM.

VEIGA, Renata. **Análise da Rotina Produtiva da BandNews FM Salvador**. Monografia de conclusão de curso de Jornalismo. Faculdade Social da Bahia, Salvador, 2006.

VISÃO Extra. Disponível em <http://visaoextra.blogspot.com>, acesso em 10 dez. 2008.

ZUCOLOTO, Valci Regina Mousquer. **As Perspectivas do rádio na Sociedade da Informação**: reflexões sobre a programação das emissoras públicas. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/17668/1/R1980-1.pdf>, acesso em 25 junho 2007.

Notas

¹ No dia 26 de novembro de 2008 oito atentados terroristas sincronizados foram realizados em Bombaim, na Índia. Os ataques, oito deles aconteceram na região sul da capital indiana: na estação ferroviária de Chhatrapati Shivaji Terminus; os hotéis cinco estrelas Oberoi Trident e o Taj Mahal Palace & Towero Leopold Café, popular com turistas ; o Hospital Cama; a Casa Nariman; o cinema Metro Adlabs; o quartel-general da Polícia. O saldo foi de 195 mortos, entre eles 22 estrangeiros, e 327 pessoas feridas.

² No dia 17 de julho de 2007 um acidente com o voo 3054 da TAM, que ligava Porto Alegre a São Paulo, matou 187 passageiros/tripulantes, além de outras 12 pessoas. O Airbus da empresa saiu da pista durante o pouso no aeroporto de Congonhas e se chocou com o edifício da TAM Express no outro lado da rua. Na época, foi considerado o pior acidente aéreo da América Latina.

³ O acidente com o voo GOL 1907, que ligava Manaus a Brasília, aconteceu em 29 de setembro de 2006. A primeira informação tratava do desaparecimento da aeronave dos radares. No dia seguinte os destroços do avião foram encontrados na floresta amazônica. Nenhuma das 154 pessoas a bordo do Boeing sobreviveu. A aeronave se chocou com um jato executivo Legacy que fazia o trecho contrário, com os Estados Unidos como destino final. A discussão principal sobre o assunto centrou-se em uma irregularidade do Legacy, que, segundo informações, estaria com o sistema anti-colisão desligado. No período, foi classificado como o segundo pior acidente aéreo do Brasil.